

Saúde única e comunicação científica em rede

*Single health and networked scientific
communication*

Mellanie Fontes Dutra da Silva

ORCID: [0000-0003-0334-0740](https://orcid.org/0000-0003-0334-0740)

Resumo

Enfatizo nesta fala a importância de criar redes de conhecimento e conteúdo, integrando diferentes áreas para abordar questões complexas. Também abordarei o conceito de 'Saúde Única', que envolve a saúde humana, animal e do planeta, e como mudanças climáticas e impactos ambientais podem influenciar a saúde. Por fim, defendo a necessidade de olhar para os conhecimentos e habilidades de diferentes áreas de forma integrada, para entender melhor os problemas e buscar soluções inovadoras.

Palavras-chave: Saúde Única. Divulgação Científica. Redes de conhecimento.

Abstract

In this talk, I will emphasize the importance of creating networks of knowledge and content, integrating different areas to address complex issues. I will also address the concept of 'One Health', which involves human, animal and planetary health, and how climate change and environmental impacts can influence health. Finally, I defend the need to look at the knowledge and skills of different areas in an integrated way, to better understand problems and seek innovative solutions.

Keywords: Single Health. Scientific dissemination. Knowledge networks.

Oi, gente. Boa tarde! É um prazer estar aqui no evento, especialmente dividindo essa mesa com duas pessoas muito graduadas, capacitadas e incríveis. Então, muito obrigada por estar na presença de todos vocês aqui hoje.

Quando falamos políticas públicas, estamos falando de políticas que são voltadas para uma sociedade, seja ela do tamanho que for. A gente tem as políticas públicas nas microrregiões, as políticas públicas a nível de país, políticas de acesso à saúde global ou de acesso global a algum item ou a alguma questão de relevância. Mas a verdade é que, por trás dessas políticas públicas, deveriam — ao menos — existir as evidências que deveriam norteá-las e nos fazer perceber como o que a gente faz tem impacto real, de forma assertiva e coletiva, nessa realidade.

Ao longo dessa minha recente trajetória na divulgação científica, eu vejo muita disputa de narrativa e sempre me intrigou para quem serve e para o que serve essa disputa. Nós falamos muito, por exemplo, que negacionistas têm essa falta de apreço pela ciência. Mas, a partir de discussões que eu já me permiti ter com muitos negacionistas, o que eu percebi em alguns casos foi justamente que essas pessoas se valem do termo “ciência” para ressignificá-lo para aquilo que elas acreditam que é a ciência. Ao mesmo tempo, também temos as pessoas que querem afastar a sociedade da ciência com as big pharmas, nova ordem mundial, planos de conquistar o mundo, tudo em um grande ecossistema da desinformação.

Por trás de todas essas narrativas que não têm nenhum tipo de embasamento, eu vejo que existem essas duas frentes: a de tentar quebrar a confiança na ciência e a de se apropriar do termo e ressignificá-lo. E para quem serve isso? Para quem serve ter o controle dessa narrativa, independente para que fim vai ser usado? Sabemos que informação traz poder para tomada de decisão, traz poder para controle de conversas e discussões. E muita gente se vale desse poder para tentar conquistar coisas próprias, benefícios a um pequeno grupo ou para algum tipo de viés ideológico.

Dito isso, uma questão que eu acho que vale a pena ser colocada aqui é: a gente fala tanto de políticas públicas, mas quem faz essas políticas públicas? Quem serão as pessoas que vão encabeçar essas políticas? Tudo isso faz parte das nossas escolhas também. No fim, quem toma as decisões não é, necessariamente, a pessoa que nós elegemos. Nós elegemos alguém que vai colocar uma outra pessoa naquele lugar de tomada de decisão. Mas aquela primeira pessoa tem conhecimento para trazer alguém técnico para fazer aquilo?

Então, acho que nós também temos que começar a olhar com mais atenção para isso. Quem está por trás tanto da construção dessas narrativas, do controle delas e, principalmente, quem assina o papel da decisão que vai chegar na nossa realidade.

Dentro desse contexto, eu acho que existe também uma discussão muito grande dentro da história da informação, da ciência, da desinformação, que é o apreço da sociedade pela própria ciência. Essa disputa só existe porque todos nós reconhecemos que as pessoas têm um apreço, sim, pela ciência. A população gosta, sim, de ciência. O brasileiro gosta de ciência, e a gente tem dados mostrando isso. A grande questão é, sabendo disso, como eu posso usar a ciência para chegar nessas pessoas?

Pensando um pouco nessa questão, eu acredito que isso fomenta ainda mais essa disputa de narrativa, mesmo que em muitos casos as pessoas não tenham ainda um conhecimento amplo de tudo o que a ciência oferece e traz para a realidade e para a vida delas. A gente vê como a ciência é transformadora. Acho que todos que estão aqui tiveram suas vidas transformadas de alguma forma pela ciência. E isso pode acontecer com qualquer outra pessoa desde que exista uma oportunidade, uma ponte, um caminho de comunicação para isso. É o sentimento que nós temos quando estamos diante de uma informação que impressiona, que torna as coisas mais interessantes. As pessoas ficam fascinadas, porque desperta o senso crítico, a curiosidade.

Durante a pandemia, a gente viu esse efeito. Explicar os processos da ciência foi uma coisa que nós da Rede Análise COVID-19 fizemos muito, assim como também fizeram o pessoal do Blogs de Ciência Unicamp, do Todos pelas Vacinas e uma série de iniciativas dentro de várias outras empreitadas (astronomia, ciências do clima, dentre outras). Esse é um caminho muito interessante para subsidiar as pessoas de ferramentas para entender como o processo científico funciona, e não só o que são os produtos da ciência. Isso é uma arma muito valiosa contra a desinformação também.

No momento em que a gente ampara essas pessoas com recursos que são acessíveis para elas — recursos estes que são familiares com coisas que elas já conhecem de outras formas —, e essas pessoas se deparam com uma informação nova sem saber se ela é real ou não, ao conhecerem um pouco desse processo de construção da ciência, elas já vão ter, pelo menos, um viés para se questionar sobre essa nova informação. Elas poderão pensar se isso que elas estão vendo faz sentido com o processo que elas conhecem.

Além de aproximar as pessoas da ciência, acredito que seja importante aproximar as pessoas e os divulgadores científicos, que acabam sendo os porta-vozes dessa ciência. Isso é importante porque a construção de vínculos com as pessoas que estão consumindo esse conteúdo — e para isso é muito importante conhecer para quem que a gente está falando, quem são esses indivíduos, o que motiva eles a consumirem aquilo, como eles processam cognitivamente essas informações — permite que pessoa se sente escutada e apreciada, e faz a gente (divulgadores de ciência) se sentir também escutado e apreciado. Esses vínculos são o que fazem essa manutenção

para que, diante do desconhecido, de coisas que muitas vezes têm o viés de desinformar, essas pessoas se voltem para aquilo que elas conhecem, para se questionar e ajudar a entender o que é fato ou mentira no meio desse mar de informações. Como eu mencionei, a pandemia foi um momento em que a gente pôde explorar muitas dessas portas.

Aqui é o ponto central da minha fala. Eu sou uma pessoa extremamente a favor da construção de redes. Eu acho incrível quando a gente consegue fazer um conteúdo em conjunto, como o que eu e o Cláudio Machado, do Papo de Cobra, fizemos recentemente sobre o verme da cobra que foi parar no cérebro de uma mulher. Todo mundo achou o máximo um especialista em cobras e uma neurocientista falando sobre esse assunto. Acho super legal quando a gente consegue achar as convergências entre as nossas áreas. Isso cria uma rede de divulgadores científicos, uma rede potente de apoio, mas acredito que precisamos ir um pouco além. Eu penso que nós temos que fazer uma rede de conteúdos, uma rede de conhecimento. As informações precisam estar em rede também.

Eu faço muita divulgação científica em saúde. Fiz muito durante a pandemia e agora tenho flertado um pouco com a questão das mudanças climáticas. Para muitos especialistas, é muito claro o quanto a questão climática influencia a nossa saúde e como a nossa saúde também influencia a questão climática. E os primeiros conceitos por trás de concatenar essas ideias vieram com a “saúde única”, que é um conceito que envolve a saúde humana, a saúde animal, a saúde do planeta, dos ecossistemas. Tudo isso abarcado em um termo único que busca promover uma reflexão sobre como os nossos impactos afetam o planeta e como o impacto das mudanças do planeta afeta a nossa saúde também.

Se a gente parar para pensar nas últimas décadas, talvez todas as pandemias que vimos possam ter tido uma influência de mudanças climáticas também, além de mudanças nos ecossistemas e o próprio impacto humano por ampliarmos os centros urbanos. Ao longo do tempo, essa ampliação dos centros urbanos foi fazendo com que populações ficassem cada vez mais próximas de ambientes selvagens, onde tem uma série de microrganismos residindo dentro animais silvestres. Alguns desses microrganismos a gente conhece, outros nós não conhecemos, e aí a “oportunidade fez o ladrão”.

Durante um desses vários momentos em que esses microrganismos podem ter encontrado para infectar a nossa espécie, a gente pode ter reunido as condições necessárias para iniciar uma transmissão não só para humanos, mas entre humanos também. E aqui a gente poderia colocar a história da gripe suína, da covid-19 e de muitos agentes infecciosos. Muitos desses surtos de dengue que a gente está vendo na América Latina nos últimos cinco ou dez anos também têm impacto com o aquecimento do planeta, favorecendo o ciclo reprodutivo desses vetores e aumentando os casos de dengue.

Há casos de dengue na Europa, tem casos de malária na Inglaterra, lugares que antes não conheciam essas doenças e fomentavam a negligência sobre elas. Até porque muitas dessas

doenças são doenças de países pobres, países de baixa renda, que nunca interessaram países de alta renda. Mas agora isso pode ser um problema deles. Vocês querem apostar quanto tempo até sair uma vacina contra malária ou dengue quando essas doenças passarem a bater mais forte na porta desses países do norte global? Foi assim com a mpox, que não faz muito tempo. Mpox foi uma doença endêmica das regiões africanas por décadas, e a gente só teve uma vacina para essa doença quando ela bateu na porta do Norte Global.

A grande questão é — e isso para mim é o mais irônico de tudo — o Sul Global, que enfrenta essa doença há muito tempo, é o que menos tem acesso a esse imunizante. Trago esses exemplos para vocês porque quando a gente começa a se dar conta do quanto a nossa saúde é fragilizada pela questão que nós mesmos impomos ao clima, a gente começa a ter uma noção de medo. A gente começa a ficar arrepiado, a pensar que está tudo ligado, começa a ter aquele pensamento quase conspiracionista de o que mais também está ligado a isso. E isso também provoca um desconforto quando as pessoas se dão conta.

Mas a gente não precisa, explicitamente através do pânico, gerar esse desconforto para fazer os indivíduos pensarem. Se a gente começa a fazer as pessoas se questionarem por tempo suficiente sobre um determinado assunto, elas começam a chegar em algumas respostas que induzem ela a ter essa percepção mais aguçada sobre o problema. E nós fazemos isso através de redes. Eu acho que nenhum divulgador aqui trabalha sozinho. Só o fato de a gente ter uma rede para divulgar aquilo que produzimos, de podermos estar aqui hoje nesta sala e trocar contatos, informações e oportunidades, tudo isso já aponta que estamos em uma rede.

O ponto é que os nossos conteúdos têm de estar em rede também. É muito importante que a gente olhe, por exemplo, para alguma questão do clima e veja saúde ali no meio, para alguma questão dentro do campo da física e veja estratégias de como isso pode chegar em outras áreas também. Porque quando as pessoas se dão conta de que tudo isso faz parte de uma coisa em comum, é aí que a gente vê como esse problema estava há muito tempo na nossa porta ou como as soluções estão há muito tempo pairando ao nosso redor e a gente ainda não se deu conta de que elas só precisam ser juntadas como um grande quebra-cabeças.

Isso serve para o planeta também. Por exemplo, a gripe aviária e o trabalho do Gabu [Gabriel L. Gomes] com mamíferos marinhos, a meu ver, são coisas indissociáveis. A mudança dos padrões migratórios desses animais pode acabar aproximando ou distanciando certas doenças que podem ser trazidas por esses animais selvagens para nós também. Eu acredito que não é aquela coisa de olhar para todos os animais como possíveis fontes de doença. Mas, assim, do quanto o nosso impacto pode fazer com que eles e nós fiquemos doentes também.

Vamos tomar como exemplo o trabalho do Gabu, o trabalho do pessoal da paleontologia, por exemplo, a Bea [Beatriz Hörmanseder], e vários outros colegas que trabalham com coisas de um passado remoto, para o descongelamento das geleiras, para os microrganismos que estão fossilizados, enterrados, soterrados ou congelados. Eu olho para tudo isso e não consigo ver isso longe, por exemplo, da saúde, de coisas que a gente pode enfrentar mais para frente. O conhecimento de todas essas pessoas é importante para a gente tomar decisões melhores para a nossa saúde, para o ecossistema em que a gente vive hoje.

As pessoas têm que estar em redes, mas os conhecimentos também. Então, se eu puder deixar uma mensagem aqui, é: olhem para o seu colega que está ao lado de vocês e vejam oportunidades naquilo que eles fazem, para trazer isso para o que vocês fazem também. Se a gente faz isso e começa a mostrar para as pessoas que tudo isso tem uma lógica e que pode ser uma peça-chave, tanto para entender um problema em comum, quanto para buscar uma solução inovadora e fora da caixa, a gente já está fazendo essa rede de informações ir mais longe do que a gente já espera. Quando nós juntamos os conhecimentos e os tornamos em rede, a gente começa a olhar para um problema em uma dimensão muito maior e enxergar coisas que não estávamos enxergando antes porque estávamos olhando só para dentro da nossa especialidade ou de especialidades adjacentes às nossas.

Hoje eu faço um pós-doutorado em virologia para entender melhor essa questão dos agentes infecciosos, mas foi conversando com a Karina Lima, que é especialista em clima, com o Gabu, que é especialista em mamíferos marinhos. Foi olhando o trabalho do pessoal da paleontologia, foi conhecendo o que os meus amigos e colegas fazem, que eu comecei a me dar conta de que a gente precisa unir tudo isso. A gente precisa mostrar para as pessoas que isso está dentro do mesmo contexto. Porque, assim, o problema se torna grande o suficiente para ser percebido, incomodativo o suficiente para solicitar uma ação, mas não alarmante o suficiente para nos deixar estagnados. Porque quando uma coisa é muito grande e não temos para onde ir, a nossa primeira resposta muitas vezes é estagnar, já que é só isso que nos resta. E não é isso que queremos.

A questão é, quando a gente olha para um problema grande e vê que ao lado tem muitas pessoas de diferentes áreas olhando para ele juntas, querendo encontrar saídas, contribuindo com seus conhecimentos, nós começamos a perceber que, na verdade, o nosso conhecimento é tão grande quanto esse problema e talvez ainda maior. E tal problema se torna uma ferramenta de ação, não de estagnação.

A mensagem que eu queria passar é essa. Saúde única, políticas públicas, olhar para as coisas de forma integrativa, para pessoas e conhecimentos, tudo isso traz a narrativa para onde

ela deve estar, que é não na mão de uma pessoa, mas de todas as pessoas que contribuem para a formação e disseminação desse conhecimento e para quem o usa para tomar decisões tanto no seu contexto quanto num contexto maior.

Acredito que, acima de tudo, essa narrativa tem que estar no coletivo, e não em poucas pessoas e no indivíduo. Então, abracem essa narrativa também, porque vocês fazem parte disso tanto quanto quem assina o papel. E, quando a gente se dá conta desse poder, a gente vê que, na verdade, o poder da mudança vem justamente de quem espalha o conhecimento e não de quem o retém apenas para si.

Sobre os autores

Mellanie Fontes Dutra da Silva

Professora da Escola de Saúde (Unisinos), Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Alimentos, Nutrição e Saúde (ittNutrifor-Unisinos) e comunicadora de ciências

email: dutra.mellanie@gmail.com